

## Índice

Nota Prévia à 2. <sup>a</sup> Edição	9
Introdução	11
<i>Fédon</i>	45
Notas	133
Bibliografia	173

## EQUÉCRATES

Estiveste lá mesmo, Fédon, ao pé de Sócrates, no célebre dia em que bebeu o veneno na prisão, ou contaram-te o que se passou?

57

## FÉDON

Estive lá mesmo, Equécrates.

## EQUÉCRATES

Ora diz-me então: de que falou ele antes de morrer? E como foram os seus últimos momentos? É assunto que gostaria de ouvir contar, pois, dos meus concidadãos de Fliunte, praticamente nenhum tem ido agora a Atenas e, por outro lado, dos estrangeiros de lá, que por aqui passam, não houve ainda ninguém (e já lá vai tanto tempo!) capaz de nos dar qualquer informação precisa, a não ser que Sócrates morreu com o veneno. Doutros pormenores, nada mais sabiam dizer-nos.

b

## FÉDON

Nem sequer do julgamento? Não foram postos ao par da forma como decorreu?

58

## EQUÉCRATES

Nesse ponto, sim, houve quem nos informasse. Por sinal, até estranhámos que, tendo sido tão cedo, só muito mais tarde se procedesse à execução! Porque foi isso, Fédon?

## FÉDON

Simple coincidência, Equécrates. Aconteceu justamente que, na véspera do julgamento, tinha sido engrinaldada a popa do navio que os Atenenses enviam a Delos.

## EQUÉCRATES

Que história vem a ser essa?

## FÉDON

b Trata-se do navio em que, segundo os Atenenses dizem, Teseu  
embarcou outrora para Creta, com os célebres sete pares de rapazes  
e raparigas que salvou da morte, salvando-se também<sup>1</sup>. Diz a lenda  
que prometeram a Apolo, no caso de escaparem, organizar todos os  
anos uma peregrinação a Delos, peregrinação que desde essa altura  
até aos nossos dias é sempre anualmente enviada ao deus. Ora, logo  
que começam os preparativos da peregrinação, é de regra manter a  
cidade purificada durante todo este tempo, estando interditas quais-  
c quer execuções decretadas por lei, antes que o navio chegue a Delos  
e regresse a Atenas. Uma vez por outra, a viagem ainda demora  
bastante, quando calha serem apanhados por ventos contrários. Ora,  
o momento que marca o início da peregrinação é exactamente aque-  
le em que o sacerdote engrinalda a popa do navio, e foi em concreto  
a essa cerimónia que se procedeu, como dizia, na véspera do julga-  
mento.

Aqui tens, pois, o motivo desse compasso de espera que reteve Sócrates na prisão entre o dia do julgamento e o da sua morte.

## EQUÉCRATES

Ora justamente sobre a sua morte, Fédon: conta-nos lá o que disse ele, o que fez, quais os companheiros que estavam junto do nosso homem! Ou será que os arcontes não autorizaram a presença de quem quer que fosse, obrigando-o a morrer longe dos amigos?

## FÉDON

De forma nenhuma! Estavam lá vários, bastantes, até.

## EQUÉCRATES

Vamos, trata então de nos pôr ao par de tudo isso, o mais claramente possível... a menos que, por acaso, tenhas que fazer.

## FÉDON

Mas não, de momento estou livre: vou, pois, tentar fazer-vos a narrativa. Nada, na verdade, me é hoje tão caro como reviver Sócrates, seja pelas minhas palavras seja pelas de outro!

## EQUÉCRATES

Pois bem, Fédon, aqui tens outros que te escutarão com igual empenho... Esmera-te, pois, em nos dares essa narrativa tão exactamente quanto puderes.

## FÉDON

Pois é verdade, foi num estado de espírito bem singular que ali estive a seu lado; efectivamente, não era compaixão o que eu sentia, por assistir à morte de um companheiro querido. É que esse homem parecia-me feliz, Equécrates, a avaliar pelas suas palavras e atitudes, tal a segurança e a nobreza com que enfrentou o fim!

59 Pelo que não pude deixar de me convencer de que um homem como este não desce ao Hades senão por uma determinação divina e que, quando ali chega, é para gozar uma felicidade como jamais nenhum outro terá. E eis porque não sentia propriamente essa compaixão que se afigura natural em quem assiste a um transe doloroso. Mas já tão-pouco era o velho prazer de nos entregarmos à filosofia — pois esse foi ainda o objecto das nossas conversas. Em resumo, era uma indefinível sensação que me dominava, um misto singular de prazer e simultaneamente dor, à ideia de que muito em breve esse homem deixaria de existir. E mais ou menos nesse estado de espírito nos encontrávamos todos nós, os que rodeávamos, umas vezes rindo, outras chorando. Um mesmo, Apolodoro<sup>2</sup>, mais que todos nós... tu conhecê-lo sem dúvida, o homem e o seu temperamento...

#### EQUÉCRATES

Ora, se não conheço!

#### FÉDON

Pois era ele a personificação perfeita desse estado de espírito; mas todos nós, tanto eu como os outros, nos sentíamos profundamente abalados.

#### EQUÉCRATES

E quem se encontrava lá na altura, Fédon?

#### FÉDON

Entre os Atenienses, o dito Apolodoro, Critobulo e o seu pai, Críton; também Hermógenes, Epígenes, Esquines e Antístenes; e ainda Ctesipo, da tribo de Péan, Menéxeno e mais uns quantos atenienses. Platão, creio, estava doente.

EQUÉCRATES

Estrangeiros, havia alguém?

FÉDON

Sim, pelo menos Símiás de Tebas, Cebes e Fedondes; e de Mégara, Euclides e Terpsíon.

EQUÉCRATES

Ouve lá, Aristipo e Cleômbroto também lá estavam?

FÉDON

Não, não; corre que estavam em Egina.

EQUÉCRATES

Mais alguém presente?

FÉDON

Eram mais ou menos estes, creio, os que estavam presentes.

EQUÉCRATES

Pois bem, conta-nos lá de que assuntos se falou.

FÉDON

Vou antes fazer o possível por te referir tudo desde início. Ora bem, nos dias precedentes costumávamos sempre, tanto eu como os demais, ir passar o tempo com Sócrates, reunindo-nos desde o romper da aurora no tribunal onde se tinha dado o julgamento — por sinal, próximo da prisão. Aí, em conversa uns com os outros, aguar-

dávamos todos os dias que abrissem a porta da prisão, pois não era logo pela manhã que a abriam. Uma vez aberta, íamos ter com Sócrates e ficávamos a maior parte do dia com ele. Dessa vez, porém, reunimo-nos ainda mais cedo do que o habitual: é que, na véspera à tarde, quando saíamos da prisão, chegara-nos a notícia de que o navio já tinha regressado de Delos. Passámos, pois, palavra de ordem para nos encontrarmos no outro dia o mais cedo possível no local do costume. Assim que chegámos, eis que vem ter connosco o guarda que de ordinário nos atendia e recomendou-nos que esperássemos ali e não entrássemos, antes que ele mesmo viesse chamar-nos: “É que os Onze<sup>3</sup> — explicou — estão a libertar Sócrates das grilhetas e dão instruções para que morra hoje mesmo.” Não muito depois aí aparece ele, de facto, com a ordem de entrarmos.

60 Uma vez lá dentro, surpreendemos Sócrates já sem grilhetas e Xantipa (conhece-la, por certo...) sentada a seu lado, com o filhinho nos braços. Ao ver-nos, esta soltou um grito aflitivo e começou nesse estilo de lamúrias que é usual nas mulheres: “Ó Sócrates, esta é a última vez que os teus amigos conversarão contigo e tu com eles!” Ele, olhando então para Críton, disse: “Vê se alguém a leva para casa.”<sup>4</sup>

b E logo uns criados deste a agarraram e a levaram, por entre gemidos e lamentações. Sócrates, entretanto, sentando-se sobre o leito, dobrou a perna e começou a friccioná-la com a mão, ao passo que dizia:

— Que coisa estranha parece ser isto a que os homens chamam prazer! É espantoso como naturalmente se associa ao que passa por ser o seu contrário, a dor! Ambos se recusam a estar presentes ao mesmo tempo no mesmo homem; e todavia, se alguém persegue e alcança um deles, é quase certo e sabido que acaba por alcançar o outro, como dois seres que estivessem ligados por uma só cabeça... Julgo mesmo — prosseguiu — que, se Esopo tivesse pensado nisto, não teria deixado de compor uma fábula a contar como a divindade, desejando dissuadi-los de se guerrearem, mas não logrando conciliá-los, lhes uniu as cabeças numa só — por tal forma que, onde quer que um deles apareça, logo o outro lhe vem atrás. Ora estou em crer que é também o que se passa comigo: à sensação de dor que as grilhetas me provocavam na perna, é agora o prazer que manifestamente lhe vem no encalço...